

**RESENHA: LUX IN TENEBRIS: meditações sobre filosofia e cultura — Roberto Romano — Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Cortez Editora, 1987.**

João Pedro da FONSECA \*

Um livro de reflexões acadêmicas, filosóficas e políticas. Uma coletânea de dezenove textos publicados anteriormente, dezessete no jornal paulista Folha de S. Paulo, um em Cadernos de Administração Escolar nº 4 do Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação da Faculdade de Educação da USP e um em Comunicações do ISER, ano 3, número 9, agosto de 1984.

Ensaio a respeito de diversos temas, análises de acontecimentos marcantes e resenhas de livros constituem o material de suas meditações.

Apresentando grande riqueza de temas, o livro de Roberto Romano nos convida a fugir das interpretações simplistas e apressadas do senso comum e a refletir mais profundamente sobre o significado dos acontecimentos, seja a censura ao filme "Je vous salue, Marie", a polêmica entrevista do líder sindical e político Lula ou a reforma dos Estatutos da USP.

Parece que Romano segue a máxima de Terêncio: nihil humanum a me alienum puto (nada do que é humano me é estranho). Leva às últimas conseqüências o que Eleonora Albano menciona no Prefácio do livro, referindo-se a Roman Jakobson: "o remédio está no exercício impiedoso da crítica" e se lança ao debate, expondo suas idéias que podem agradar ou desagradar, mas não deixam indiferentes seus leitores.

A Universidade, está em quatro capítulos, merecendo análise oportuna a questão do poder dentro de seus muros, sua autonomia e a participação de intelectuais na administração pública.

A reforma dos Estatutos da USP propicia a Romano a oportunidade de tecer considerações a respeito do papel da Universidade, aspectos históricos, relações com o Estado e, principalmente dos con-

---

\* Professor Assistente Doutor do Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação da Faculdade de Educação da USP.

ceitos de eficiência, rentabilidade, produtividade e, conseqüentemente, de avaliação. A diferença entre Universidade e Fábrica é uma questão central nessa discussão.

Referindo-se à “dialética cruel entre a autonomia de pesquisa e docente e a necessária sustentação material”, à “normatividade vertical”, à “carapaça normativa e controladora da Universidade institucional, e à “gaiola dourada da cátedra”, Romano faz uma afirmação que soa como oportuna advertência: “As academias submeteram-se às imposições que restringiam a democracia na Universidade, concentrando nas mãos dos mestres graduados toda a autoridade acadêmica. Tal mudança estatutária trouxe conseqüências: aumentou a inanição teórica originada de tamanha administração do saber” (p.71)

A Igreja é outro alvo predileto de Romano, aparecendo em sua análise da relação entre a Teologia da Libertação e o Marxismo e no capítulo que dá título ao livro, onde ele analisa as ordens religiosas dos franciscanos e domidicanos, a pobreza evangélica e a opção preferencial pelos pobres e conclui: “Hoje, quando em nosso país e no mundo os pobres são mais do que nunca expulsos da vida, sine ira et studio, e o Estado afirma sua alucinante suficiência, desprezando a democracia representativa, vale a pena meditar sobre os inícios dos mendicantes” (p. 40).

O autor apresenta também resenhas de livros de Padre Charboneau (Marxismo e Socialismo real), Gianotti (Filosofia Miúda), Luiz Antônio Cunha (A Universidade Crítica), Darcy Ribeiro (Nossa escola é uma calamidade) e do livro Violência Brasileira, de diversos autores.

Mesmo quando faz restrições, o autor não deixa de reconhecer a contribuição dos resenhados, como é o caso de Darcy Ribeiro: “Finalizemos, afirmando que o livro é urgente e oportuno. Neste sentido, bem-vindo... São muitos os problemas e sugestões de solução que o autor levanta, podendo ajudar homens e mulheres que escolheram a docência. Mesmo os que, com todo direito, discordam dele por razões práticas ou teóricas” (p. 61).

Embora discorde de Charboneau e faça severas críticas às suas principais idéias, considera o livro resenhado “excelente e oportuno”.

É no bloco sobre política, entretanto, que Romano se revela crítico mais impiedoso. Em “O senhor da razão” dirige suas baterias contra Lula e sua polêmica entrevista à Folha de São Paulo.

Talvez resida aqui um defeito inevitável nesse tipo de publicação. Escrito no calor dos acontecimentos para a imprensa, o texto sobre Lula apresenta uma visão fragmentária e reducionista que não condiz com o perfil do retratado. Ao denunciar o “egocrata”, o “traço autoritário exibido pelo dirigente petista” ou sua “lógica delirante”, cor-

re-se o risco de deixar de reconhecer a importância de Luis Inácio da Silva na resistência ao arbítrio. É verdade que Romano não pretende traçar um perfil do líder sindical e político, mas apenas analisar a entrevista publicada, principalmente a linguagem empregada pelo entrevistado.

A mudança do veículo jornal para o veículo livro precisaria, entretanto, ser explicada ao leitor, o que poderia ser feito por meio de uma Introdução que faz muita falta no livro.

Acredito que nas futuras edições se pudesse solicitar ao autor uma Introdução onde este fizesse uma amarração dos textos e procurasse situar as circunstâncias em que foram originalmente publicados. As editoras precisam também cuidar da revisão gráfica, pois são muitos os erros presentes nesta edição.

Indiscutivelmente, trata-se de excelente trabalho que Roberto Romano oferece aos que gostam de meditar e debater idéias a respeito dos mais diferentes assuntos. Tanto as idéias quanto o estilo de Romano são passíveis de críticas. Não concordo com algumas passagens menos serenas de seus textos e gostaria, por exemplo, que fosse melhor desenvolvido seu aparente apoio a Darcy Ribeiro quando este se opõe à municipalização do ensino.

Um dos muitos méritos do livro é que ele desafia o leitor a pensar e a procurar saber mais. O convite para ler Hobbes, Elias Canetti e outros pode ser um estímulo para que o leitor procure novas leituras e assim aprofunde suas meditações. Neste sentido, o livro de Romano pode ser uma semente para novas reflexões sempre proveitosas para espíritos inquietos e inconformados com o senso comum e as respostas simplistas.

Parafraseando o próprio Romano, este é um livro excelente, urgente e oportuno que pode ajudar mesmo os que, com todo direito, discordam dele por razões práticas e ou teóricas.

Que ele continue nos oferecendo novos textos com a mesma verve polêmica, com melhor humor e superior maestria do riso.

(Recebido em 22-02-88 e

liberado para publicação em 15-03-88)